



O CORUJÃO

INFORMATIVO DA COMUNIDADE DE FILOSOFIA

Ano XXX - Nº 41 - Março/Abril de 2007

EDITORIAL

Caríssimo Leitor, terminado o Período da Quaresma, chegamos ao Tempo Pascal. A Igreja nos convida a viver com maior intensidade o Mistério da Ressurreição de Nosso Senhor Jesus Cristo. A liturgia entoia o Aleluia, fazendo resplandecer a alegria e a glória da Ressurreição. É tempo de alegria, de renovar a vida.

Mas que alegria que devemos vivenciar junto com o mistério deste tempo litúrgico? Por acaso é a mesma alegria que os homens de hoje buscam? Em um mundo marcado pelo hedonismo e pelo relativismo, a alegria por vezes é confundida com prazeres passageiros, por bens materiais e pelo dinheiro.

Porém a alegria de Cristo não é passageira. Também não é uma alegria que trás tristeza aos menos favorecidos, para alimentar a “alegria” dos poderosos. Mas a alegria que Deus nos concede é duradoura. É a alegria de fazer o próximo

feliz. É a alegria de dar pão a quem tem fome, água a quem tem sede, e abrigo a quem não tem casa. É a alegria de consolar os que sofrem, de ajudar os



necessitados, de incluir aqueles que se encontram à margem de nossa sociedade.

Só vivenciando esta verdadeira alegria, somente buscando a Deus pela oração e pela prática da caridade é que encontraremos a paz. Ele é o

nosso refúgio e proteção. E é só assim que nós podemos construir o Reino de Deus em nosso meio. Páscoa, em poucas palavras, é a vitória da Vida sobre a morte, do novo Adão sobre o tentador e o pecado.

Que possamos ter morrido no velho Adão, para podermos ressuscitar com Cristo para uma vida plena. Reacendamos a nossa fé em Deus. Procuremos rezar um pouco mais do que costumamos rezar, e estendamos nossa mão ao necessitado. Prestemos nossa ajuda a algum trabalho social de que temos conhecimento, vendo no que podemos ajudar. Vamos um pouco além, façamos “algo a mais”. E coloquemos mais amor no que já fazemos cotidianamente.

Saiamos do sepulcro de nosso egoísmo e de nossa soberba, e nos abramos para Deus e para os irmãos.

Kelvin Borges Konz
3º Ano de Filosofia

DISTINÇÃO E RELAÇÃO CORPO E ALMA PARA DESCARTES

Para Descartes, filósofo francês da idade moderna, o ato de ter algo presente no interior do meu espírito denomina-se imaginação; e o ato de compreender, refere-se a algo que meu espírito não consegue ter presente, porém, compreende e o concebe com clareza. Visto que este ato de imaginar e compreender não interfere na essência de meu espírito.

O corpo volta-se para a natureza corporal, relacionando-se principalmente com os sentidos, e o espírito volta-se para si mesmo, para a imaginação, que de certa forma não comprova a existência de algum corpo.

Através dos sentidos as coisas se tornam mais presentes e mais claras à razão, visto que as coisas e idéias passam primeiramente pelos sentidos para depois chegarem ao espírito. Porém, observa-se que os sentidos também enganam, quando, por exemplo, na observação de algo a distância, nos aparece de uma forma e, quando observamos de perto nos aparece de outra forma.

Pelos sentidos conclui-se a possibilidade da existência de um corpo, mas como algo não necessário para a existência da alma. A alma é

completamente distinta do corpo. O meu ser (eu sou) é a alma. A minha razão é a minha existência, e não meu corpo. Há uma grande colaboração dos sentidos para a existência do corpo, mas que não são nada sem a racionalidade.

As coisas que concebo através de sentidos, sendo a natureza corpórea em geral, diz Descartes serem criados por Deus, um ser superior ao corpóreo. A natureza, por meio dos sentidos, prova que eu (alma) estou alojado no corpo através da dor, alegria, tristeza e necessidades em geral, sendo isto possível através da união do espírito e o corpo.

O corpo humano, diz Descartes, ser uma maquina que quando bem ajustada funciona corretamente, do contrario apresenta defeitos, o mesmo que um relógio. Como o relógio não tem alma, assim também o corpo não precisaria de alma para executar suas necessidades. Porém a racionalidade, o pensar demonstra que a alma está unida ao corpo, podendo esta viver independente do corpo.

Marcos Decker
3º Ano de Filosofia

“O SENHOR IA INCORPORANDO À COMUNIDADE...” (ATOS 2,47b)

Nos dias 23, 24 e 25 de fevereiro, a comunidade da filosofia teve a graça de se reunir em um encontro de convivência, para que como os apóstolos, colocássemos tudo em comum.

Fomos para uma chácara na localidade de Tomás Coelho, em Brusque. Paramos um pouco de nossas atividades cotidianas, para programarmos o semestre, dividirmos os ministérios e pastorais. Também tivemos muitos

momentos de descontração, como a noite cultural no dia 24, entre outras atividades.

Que a nossa comunidade possa estar sempre unida no amor, formando “um só coração e uma só alma”.

Felipe Candin dos Santos Fuentes
1º Ano de Filosofia

OS UNIVERSAIS: CRÍTICA DA CONCEPÇÃO OCKHAMIANA

No contexto da idade média é que foi tratado com mais intensidade o problema dos universais: a relação dos termos (conceitos ou signos) com a realidade, do pensamento com o ser. E, dentre tantos filósofos que tentaram dar uma solução a esta questão, está Guilherme de Ockham. Para o filósofo inglês, entre os seres reais abstraem-se as semelhanças a fim de formar uma idéia geral. Aí está o universal, que não é nenhuma substância singular extramental, mas mental, dado pela significação, enquanto sinal predicável de muitas coisas. Trata-se de uma qualidade da alma, e não somente um objeto pensado: aquilo que se imagina é o que primária e imediatamente a intenção da universalidade denomina e tem a natureza de um objeto, representando as coisas exteriores, os próprios singulares, dos quais constitui de certo modo uma semelhança.

Com base nos escritos de Ockham, Raimundo Vier se opõe ao Pe. Thill, afirmando que o universal tem fundamento na "res": os

conceitos universais estão numa relação de semelhança com a realidade, com os singulares. Boehner acrescenta: esta semelhança não é uma espécie de reflexo físico mental. O conteúdo das idéias universais se completa em objetos sensíveis individuais, asseguram Vier e Boehner, os quais atribuem a Ockham a qualidade de conceitualista realista. Rubert e Candáu chegaram a esta mesma conclusão, embora não faltem contraposições: Gilson e C. Michalski insistem que o terminismo é próprio deste filósofo; Colomber, Klimer, Urbano Zilles e Giovanni Reale afirmam que os universais, em Ockham, não passam de um mero conceito na mente, o que faz dele um nominalista. Para finalizar, Hirschberger afirma que o filósofo inglês quer conhecer uma verdade objetiva e admite, para o seu transcendente, as categorias de substância e de qualidade".

Rafael Adolfo
2º Ano de Filosofia

"ELE HAVERIA DE RESSUCITAR DENTRE OS MORTOS" (Jo 20,9)

Quando os discípulos viram o túmulo vazio, não compreenderam o que Jesus havia dito sobre sua paixão, morte e ressurreição. Então Jesus aparece aos seus, para que eles assim acreditassem.

Cristo nossa Páscoa, é por sua morte que temos vida, e é por sua ressurreição, que também nós ressuscitamos, ou seja, morremos com Ele para o pecado, e ressuscitamos com Ele para uma vida nova. Nestes dias de quaresma fomos convidados pelo papa Bento XVI, a olhar para Cristo transpassado na cruz. Cristo na cruz não é o fim, mas o começo de toda a mística da igreja, pois dali, de seu peito aberto pela lança, saem sangue e água, ou seja, a igreja e os sacramentos. A cruz não é o fim, por que Cristo vitorioso ressuscitou dos mortos, e está aí a razão de nossa fé. Não cremos em um Jesus que está morto, mas um Jesus que está vivo e presente em nosso meio.

Muitas vezes, estamos como os discípulos, que não compreenderam grandioso mistério. Deixemos, pois que a luz desta razão nos abra os olhos para a fé. Assim como aqueles discípulos

que viviam no povoado de Emaús, e tiveram um encontro face a face com o Cristo ressuscitado. Mas, seus olhos estavam tapados para essa grande graça. Assim como estavam os de Pedro, de Maria e dos outros discípulos. É o próprio Cristo que após falar das escrituras, em casa com eles, se revela ao partir do pão, e desaparece do meio deles. Os dois discípulos ficam tão contentes por saberem que Jesus estava vivo que saem correndo contar essa notícia.

Os dois discípulos de Emaús têm muito a nos ensinar. É na Eucaristia que fazemos memória do Cristo sofrido, transpassado e ressuscitado. O santo sacrifício do altar deve abrir nossos olhos à fé no Cristo ressuscitado que se imola no altar. Nossa missão é de, com os olhos da fé, anunciar para o mundo, que verdadeiramente o Senhor haveria de ressuscitar dos mortos, e com ele nós também somos convidados a ressurgir para uma vida nova, marcada pelo seu amor em nossas vidas.

Álvaro Emanuel da Silva
1º Ano de Filosofia

NOSSA COMUNIDADE DE FILOSOFIA

O Seminário Metropolitano Nossa Senhora de Lourdes, aqui em Azambuja – Brusque, é formado atualmente por três comunidades: A Comunidade do Menor, para aqueles que cursam o Ensino Médio; a Comunidade do Propedêutico, para aqueles que já cursaram o Ensino Médio fora do Seminário; e a nossa Comunidade da Filosofia, constituída pelos seminaristas que cursam a Faculdade de Filosofia. Terminando a Faculdade de Filosofia, os seminaristas seguem para Florianópolis, onde residem no Seminário Convívio Emaús, e cursam a Faculdade de Teologia no ITESC.

Nós da Filosofia residimos no Seminário de Azambuja, cursamos a Filosofia na Faculdade São Luiz, e aos finais de semana fazemos nossa pastoral em comunidades da nossa região. Agora nossa comunidade é composta pelos três turmas de seminaristas, tendo em vista o fechamento do Seminário Filosófico Edith Stein em Barreiros – São José.



Comunidade de Filosofia

Eis os seminaristas: **1º Ano:** Álvaro Emanuel da Silva (São João Batista - Itajaí); Edgar Cardoso (São Vicente - Itajaí); Felipe Candin dos Santos Fuentes (Lagoa da Conceição - Florianópolis); Guilherme Suélio Guimarães (Ingleses - Florianópolis); Ricardo Becker Maçaneiro (Centro - Balneário Camboriú); Ricardo Oliveira (Campinas - São José); William Gabriel Rambo Smaniotto (Campinas - São José). **2º ano:** Deivide Tiago Tomasi (Santa Catarina - Brusque); Rafael Adolfo (Tijucas); Tiago Vicente Santana (Catedral - Florianópolis); Wellington Cristiano da Silva (Gov. Celso Ramos). **3º ano:** André Schmitz (São Pedro de Alcântara); Emerson José Pauli (Antônio Carlos); Ewerton Martins Gerent (Santo Amaro); Fabiano Merim de Oliveira (Saco dos Limões - Florianópolis); Kelvin Borges Konz (Fazenda - Itajaí); Marcos Decker (Ant. Carlos). Somos acompanhados pelo Pe. Alceoni, nosso formador.

Emerson José Pauli
3º Ano de Filosofia

"IDE E PREPARAI A CEIA!" (Lc 22,8)

A mesa é sinal sagrado, em torno dela nos reunimos para conviver e partilhar, por isso o ambiente onde realizamos nossas refeições deve ser familiar e acolhedor. Vivendo o processo de reforma na infra-estrutura de nosso seminário, que visam o bem estar mediante ao atual contexto vocacional do mesmo, fomos agraciados por um novo e belo refeitório. Sob o cuidado da arquiteta Miriam Reichert, o espaço foi planejado e executado com total cuidado a fim de proporcionar um melhor local de convivência entre os

moradores de nosso seminário, bem como um afável ambiente para os que a este visitarem. Além do belíssimo refeitório, faz parte desta reforma a construção da nova cozinha. Nós seminaristas nos alegamos com o projeto e agradecemos a todos que colaboraram com a concretização do mesmo.

Guilherme Suélio Guimarães
1º Ano de Filosofia